



## **ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM JORNALISMO**

**Institut de journalisme de Bordeaux Aquitaine, 8 a 10 de dezembro de 2022**

O Encontro Internacional de Pesquisa em Jornalismo será realizado de 8 a 10 de dezembro de 2022 no Institut du Journalism de Bordeaux Aquitaine (Bordeaux, França).

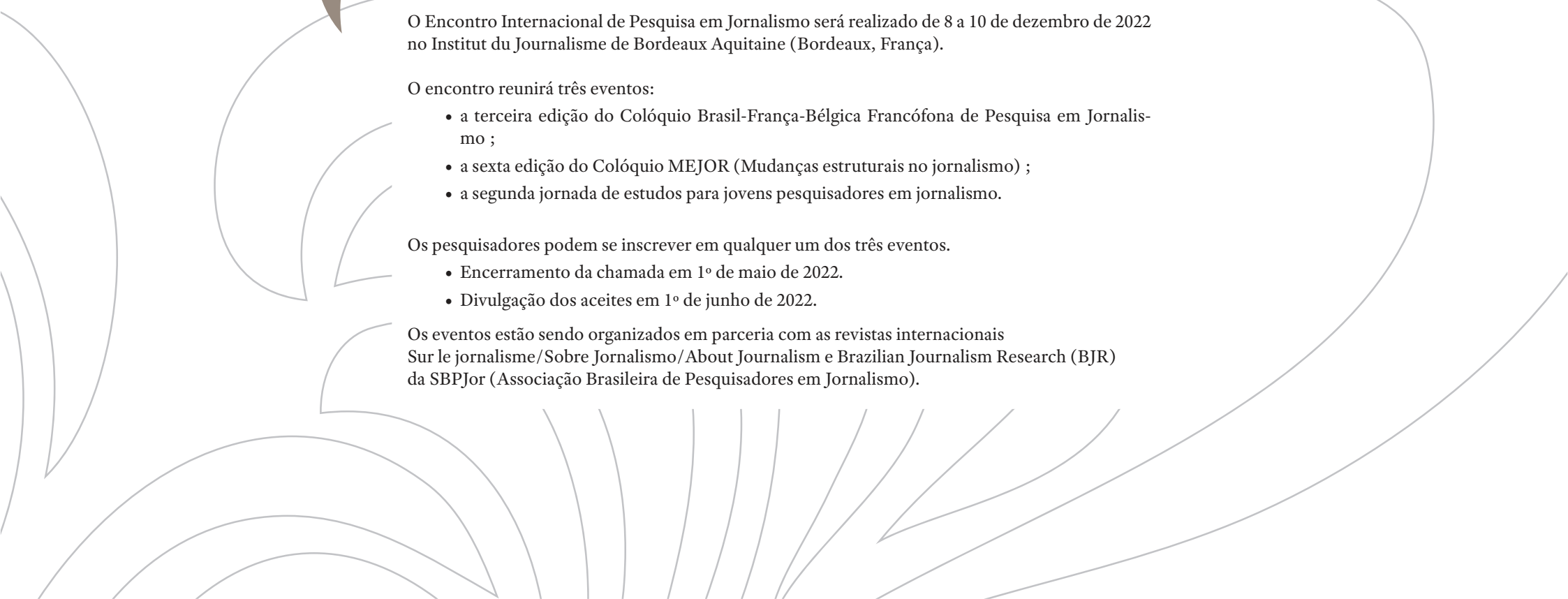
O encontro reunirá três eventos:

- a terceira edição do Colóquio Brasil-França-Bélgica Francófona de Pesquisa em Jornalismo ;
- a sexta edição do Colóquio MEJOR (Mudanças estruturais no jornalismo) ;
- a segunda jornada de estudos para jovens pesquisadores em jornalismo.

Os pesquisadores podem se inscrever em qualquer um dos três eventos.

- Encerramento da chamada em 1º de maio de 2022.
- Divulgação dos aceites em 1º de junho de 2022.

Os eventos estão sendo organizados em parceria com as revistas internacionais Sur le journalisme/Sobre Jornalismo/About Journalism e Brazilian Journalism Research (BJR) da SBPJor (Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo).



## CHAMADA DE TRABALHOS

# Jornalismo & Combate

---

8 a 10 de dezembro de 2022

Os encontros internacionais de pesquisa sobre o jornalismo são organizados por:

**MICA**, Médiations, Informations, Communication, Arts (Université Bordeaux Montaigne)

**ReSIC**, Centre de recherches en Sciences de l'information et de la communication (Université libre de Bruxelles)

**LaPIJ**, laboratoire des pratiques et identités journalistiques (Université libre de Bruxelles, Belgique - Université de Mons, Belgique - Université de Montréal, Canada)

**LaRSH**, Laboratoire de Recherche Sociétés & Humanités et collectif J2I (Université Polytechnique Hauts-de-France)

**GRIPIC**, Groupe de recherche interdisciplinaire sur les processus d'information et communication, Celsa (Sorbonne-Université, France)

**Arènes**, UMR CNRS 6051 (CNRS - Université Rennes 1, Science Po Rennes, Université de Haute Bretagne, EHESP), France

**Programa de Pós-graduação em Comunicação** (Universidade de Brasília), Brasil

**Université Laval**, Québec

**SBPJor** - Associação Brasileira de Pesquisadores de Jornalismo

No primeiro Encontro Internacional de Pesquisa em Jornalismo, organizado em julho de 2021 em Valenciennes, França, um dos eixos temáticos abordou a questão do jornalismo e da violência. Na sequência, queremos continuar a explorar este tema sob o prisma do combate. A questão dos combates jornalísticos pode, de certa forma, sobrepor-se à da violência e pareceu-nos interessante continuar as discussões iniciadas na edição anterior. Assim, os combates abrangem tanto a resistência à violência quanto as lutas e mobilizações. Nesta perspectiva, suas modalidades e formas desenvolvidas pelo jornalismo e pelos jornalistas merecem ser examinadas.

Um **primeiro eixo de pesquisa** será desenvolvido em torno de questões organizacionais e profissionais e acolherá reflexões e análises históricas e contemporâneas sobre os combates protagonizados pelos jornalistas de forma individual, por grupos profissionais *para defender o jornalismo*, na organização ou publicamente, e para questionar a combatividade multifacetada dos jornalistas.

Um **segundo eixo de pesquisa** incidirá sobre o jornalismo de combate e os jornalistas militantes que engajam sua atividade jornalística em relações de poder, conflitos, lutas ou a serviço de uma causa, em particular para propor um tratamento midiático específico. Pretende iniciar, mas não se limita a, uma reflexão tanto sobre os motivos e causas que levam a tal empenho, como sobre os meios técnicos, recursos humanos e métodos que o jornalismo de combate mobiliza.

Por fim, um **terceiro eixo de pesquisa** proporá uma reflexão metodológica sobre o compromisso dos pesquisadores em jornalismo, convidando jovens pesquisadores e doutorandos a questionar as diferentes posições e combates que a pesquisa em jornalismo abrange e gera em um processo autorreflexivo.

## Eixo 1 - “Jornalismo, uma profissão de combates”

---

Este eixo de pesquisa se propõe a examinar os combates, tanto históricos quanto contemporâneos, protagonizados por jornalistas, pelas redações ou por grupos profissionais para defender o jornalismo, suas identidades, seus papéis, suas práticas, sua autonomia, suas prerrogativas, seus territórios ou ainda os direitos e interesses de seus trabalhadores. Isso levanta várias questões: quais são as causas dessas disputas? Que questões envolvem? Que atores participam dele? Como essas batalhas são travadas? Quais são os resultados dessas lutas? Como superar os fracassos dos combates? Analisar os combates do jornalismo contribui, entre outras coisas, para entender melhor a forma como as identidades profissionais jornalísticas são construídas e desdobradas por meio de suas lutas, para entender melhor as relações entre os diferentes atores do jornalismo em relação a outros espaços, a outros “mundos” e analisar a evolução do poder, papel e lugar do discurso profissional para o jornalismo e a própria sociedade.

Analisar os combates do jornalismo requer compreender as interações entre diversos grupos – nas redações, nos sindicatos, nas associações e entre si –, mas também as relações que os jornalistas tecem com os mundos políticos, movimentos sociais, mundos acadêmicos para defender seus interesses e valores comuns. Se, historicamente, os processos de construção identitária e delimitação das fronteiras do mundo do trabalho são fruto de lutas e de alianças entre jornalistas, associações, sindicatos e atores políticos, até mesmo do Estado, outras formas de mobilização estão surgindo atualmente defender causas como o combate à desinformação, à proteção das fontes (em especial os *whistleblowers*), a defesa da transparência das ações governamentais e o acesso à informação por parte dos jornalistas. Este eixo permite, assim, explorar as dinâmicas coletivas que atravessam e alinham a defesa da profissão.

Sem se limitar a isso, as comunicações esperadas podem estar relacionadas aos combates dos jornalistas ou da equipe editorial dentro da empresa midiática. O envolvimento na empresa de mídia pode assumir várias formas: lutar por seus direitos como trabalhador (empregado, independente ou freelancer), como mulheres jornalistas (Damian-Gaillard, et al, 2021) ou como pessoas que se definem como minoria. Os combates também podem compreender profissionais para defender sua redação (Dupuy, 2016), seu lugar, suas prerrogativas e seu poder internamente, mobilizar-se para mudar as práticas, para proteger a ética (Ferrucci e Kuhn, 2022). As lutas também podem ajudar a se defender contra ataques externos ao seu trabalho ou organização de mídia (Gonzalez, 2021). Esses combates assumem diferentes formas, são incorporados em coletivos estruturados, informais, às vezes temporários (Dupuy, 2016). Este subeixo também inclui o trabalho de constituição ou mobilização de coletivos internos da empresa, sejam editoriais, representação sindical (Marquez-Ramirez et al, 2021), coletivos pela ética e deontologia internamente, para combater o assédio na redação ou online (Posetti, 2021) ou de coletivos externos (sindicato profissional, associação de jornalistas independentes etc) que participam das lutas realizadas dentro das organizações.

As comunicações propostas neste eixo também poderiam abordar os combates públicos coletivos dos jornalistas. Seria uma questão, por exemplo, de estudar as lutas travadas nacionalmente (historicamente ou de forma contemporânea), os debates e discursos em torno da delimitação de fronteiras e estatutos, ou ainda as lutas pela constituição de organizações de autorregulação do jornalismo, como conselhos de ética jornalística, proteção de fontes, lutas pela criação de leis de acesso à informação ou discursos de defesa contra ataques ao jornalismo. O eixo também acolher comunicações relativas à estruturação ou às lutas de

organizações internacionais de defesa dos trabalhadores do mundo jornalístico, como a Federação Internacional de Jornalistas (FIJ), a Federação Europeia de Jornalistas (EFJ) e a (Organização Internacional do Trabalho (OIT), entre outras. Inclui ainda os Repórteres sem Fronteira (RSF) e outras entidades que contribuem para a circulação de discursos sobre liberdade de imprensa, liberdade de expressão, democracia e, mais especificamente, a proteção dos jornalistas ou a perpetuação de sua memória.

Outro eixo desta chamada se propõe a focalizar os modos como as identidades jornalísticas incorporam a combatividade, perpetuando os processos de construção identitária e as estratégias de negociação /conservação de seu status. Refere-se às pesquisas sobre as tipologias dos papéis sociais (*professional roles*) dos jornalistas (*watchdog, advocacy*) (Moreira e Oller Alonso, 2018) e que tenta problematizar o modo como a luta é constitutiva da dinâmica de definições e delimitação das identidades jornalísticas. Será possível explorar os contextos específicos que permitem o surgimento de jornalistas ativistas, engajados em causas sociais ou coletivas. Se as identidades são historicamente construídas em relação aos espaços políticos e intelectuais, mais recentemente projetos de jornalismo alternativo, jornalismo engajado, jornalismo de solução (Amiel, 2020) e muitas outras modalidades jornalísticas atribuem ao jornalista uma postura de combate diante de muitas questões sociais que podem reconfigurar, deslocar ou dispersar as figuras dos profissionais e da profissão. Por fim, o jornalista de combate também pode ser visto em conexão com a construção de uma postura pública, marca distintiva deste profissional perante seus pares e seu público. Essa postura pode ser percebida, por exemplo, no lugar ocupado pelos polemistas, intelectuais midiáticos e comentaristas, que atualizam certas posturas combativas diante das crises de seu tempo.

## REFERÊNCIAS

---

Damian-Gaillard, B., Montañola, S. et Saitta, E. (2021). *Genre et journalisme. Des salles de rédaction aux discours médiatiques*. Louvain-la-Neuve : De Boeck Supérieur.

Dupuy, C. (2016). *Journalistes, des salariés comme les autres ? Représenter, participer, mobiliser*, 198 p. Rennes : Presses universitaires de Rennes.

Ferrucci, P., & Kuhn, T. (2022). “Remodeling the Hierarchy: An Organization-Centric Model of Influence for Media Sociology Research”, *Journalism Studies*, 1-19.

Gonzalez, R. A. (2021). “Mexican Journalism Under Siege. The Impact of Anti-press Violence on Reporters, Newsrooms, and Society”, *Journalism Practice*, 15(3), 308-328.

Márquez-Ramírez, M., Amado, A., & Waisbord, S. (2021). “Labor Precarity and Gig Journalism in Latin America” in *Newswork and Precarity* (pp. 137-150). Routledge.

Moreira, S. V. and Oller Alonso, M. (2018) “Journalists in Newsrooms: Professional Roles, Influences, and Changes to Journalism”, *Brazilian journalism research*, 14(2), pp. 304–317. doi: 10.25200/BJR.v14n2.2018.1146.

Posetti, J. (2021). “The new frontline: Women journalists at the intersection of converging digital age threats”, in *Insights on Peace and Conflict Reporting* (pp. 121-138). Routledge.

## Eixo 2 - “Jornalismo de combate” / “Jornalistas em combate”

Este eixo propõe olhar tanto para os motivos e as causas que levam a tal engajamento, como para os meios técnicos, recursos humanos e métodos que o jornalismo de combate mobiliza ao serviço de um tratamento midiático específico.

Os trabalhos poderiam estudar, por exemplo, o **surgimento de novas formas de produção midiática e de investigação jornalística** condizentes com os desafios a serem enfrentados. Grandes investigações colaborativas, portanto, recorrem a meios não padronizados. Para a difusão dos *Pandora Papers* (2021), o *Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos* reuniu cerca de 600 jornalistas e 150 meios de comunicação de todo o mundo para examinar quase 12 milhões de documentos. Em outros lugares, como durante o cerco de quatro anos de Sarajevo em meados da década de 1990, o “combate” em zonas de guerra levou os jornalistas a imaginar, para melhor continuar seu trabalho e minimizar os riscos assumidos, termos de cooperação que rompem com o sistema competitivo que rege a mídia. Em uma escala mais local, no Brasil, durante as manifestações ocorridas no Rio de Janeiro em 2013-2014, os integrantes da *Mídia Ninja* ficaram conhecidos como midiativistas através do uso de tecnologias digitais e de táticas organizacionais no interior das comunidades envolvidas (Martinez e Persichetti, 2015; Landesman, Davis 2018). Por meio de suas fotos e blogs, surgiram mídias alternativas, veiculadas por ONGs ou “ING” (indivíduos não governamentais), com forte poder mobilizador e criador de espaços de resistência, como o coletivo Molambo. A questão do ativismo ressurgiu aqui: como esse jornalismo comprometido e integrado – não mais apenas embutido – se torna performático para as comunidades das quais é porta-voz e, muito além, para toda a sociedade que ele chacoalha e empurra? Ultimamente no Brasil, o isolamento social, exigido a partir de 2020 por conta da pandemia, tem interferido nas estratégias narrativas do jornalismo periférico, que tem

reagido a esta situação recorrendo mais ao uso de ferramentas como o podcast (Rovida, 2021). Por meio de sua luta, os jornalistas estão sujeitos a uma demanda de criatividade que afeta múltiplos aspectos de suas práticas que aqui examinaremos.

Pode-se perguntar se os jornalistas e a mídia participam de seus combates em uma economia de violência quando exacerbam, mantêm ou neutralizam tensões por meio da cobertura midiática de eventos ou pelo processamento de informações. Essas questões podem ser consideradas sob os ângulos jurídico, político e ético, principalmente quando se deparam com os deveres e padrões éticos do jornalismo. Questionaremos, assim, as funções de incentivo das produções jornalísticas e, de forma mais geral, dos meios de comunicação quando contribuem para tensões ou provocam conflitos. Até que ponto algumas destas funções incitam à violência, ao ódio? Após o genocídio de Ruanda (1994), o Tribunal Penal Internacional para Ruanda (ICTR) condenou apresentadores da Radio Libre des Mille Collines que se apresentavam como jornalistas por terem transmitido programas destinados a incitar o público a cometer atos de genocídio (Kellow, Steves, 2006). Eventos dramáticos como o caso da mídia ruandesa contribuíram para questionar seu papel (Chrétien, 1995; Laliberté, 2012). Mais recentemente, as polêmicas em torno das revistas francesas *Causeur* e *Valeurs actuelles*, acusadas de incitação ao ódio e à violência, levaram esta última a ser condenada pelos tribunais em 2015, sugerindo o prosseguimento de tais questões. Como qualificar essas ações: simples provocação ou incitação assumida? Fazem parte de uma estratégia política e ideológica em que o jornalismo e a mídia são os instrumentos da propaganda que veiculam? É uma tática comercial, que adota um registro polêmico para captar a atenção do público? Quaisquer que sejam as razões,

as consequências para as vítimas são previstas, conhecidas, avaliadas, consideradas? Da mesma forma, como fica o rosto e a fala do jornalista quando participa de polêmicas nas redes sociais e contribui para alimentá-las: se expressa em nome próprio ou como profissional? Que riscos ele/ela enfrenta em tal compromisso? Mais amplamente, essas práticas são a marca de uma vigorosa liberdade de expressão ou uma admissão do fracasso da autorregulação dos jornalistas e da mídia (Bertrand, 1999; Bernier, 2014)?

Por outro lado, nesta economia da violência, o que expressam **os combates dos jornalistas** quando detectam, evidenciam e traduzem **o sofrimento do mundo** ao documentá-lo (Sontag, 2003)? Podemos dizer que as produções jornalísticas têm uma função catártica? Por exemplo, por 40 anos, o fotógrafo James Nachtwey tem “com poder e graça” (Nachtwey, 2018) prestado um testemunho eloquente de dor, injustiça, violência e morte em todo o mundo. Isso leva às seguintes questões: o jornalismo de combate alivia o sofrimento? Seria este o antídoto? Daria algum tipo de consolo porque aproximaria as vítimas das relações sociais, da história e dos desastres naturais? Desafiando a representação midiática dos conflitos, Jake Lynch promoveu um “jornalismo de paz” consciente de sua participação nessa economia da violência (Lynch, 2015). A mesma inspiração pode ser encontrada no trabalho do fotógrafo de guerra Karim Ben Khelifa. Sua instalação imersiva de realidade virtual intitulada *The Enemy* (2017) visa restaurar o rosto humano a inimigos irreconciliáveis. Como o “jornalismo de paz” e seus derivados renovam o jornalismo de combate? Eles realmente cumprem a promessa?

A cena da guerra revela **numerosos atores, atrizes e situações de comunicação, mais** do que a observação de um repórter estruturalmente independente dos beligerantes.

Em primeiro lugar, é preciso considerar todos os dispositivos de embarque, hoje designados em inglês pelo termo *embedding*, de repórteres dentro da tropa. Esses dispositivos, cujos vestígios podem ser encontrados já no século XIX (Brogniez, 2011), enquadram e restringem o testemunho. Eles foram usados durante a Primeira Guerra Mundial (Maurin, 2009) e refinados durante a primeira Guerra do Golfo (Bizimana, 2014). É preciso então observar que os grupos políticos engajados na luta armada formam unidades de agentes de comunicação que utilizam meios jornalísticos e midiáticos. Foi o caso durante a Guerra Civil Espanhola (Marqués Posty, 2008), a Guerra da Independência do Vietnã (Tran, 2019), no México e na Palestina (Ferron, 2012) e mais recentemente durante o conflito na Síria (Augé, 2016). Por fim, a cena da guerra traz à tona um tipo de ator muitas vezes ignorado, embora essencial: os próprios militares, dotados de meios consideráveis de gravação, produção e transmissão direta ou em parceria com a mídia. O dispositivo foi industrializado pelos exércitos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial (Bolz et al, 2022) e desenvolvido em um contexto liberal pelos exércitos francês (Rodier-Cormier, 2002) e estadunidense no Vietnã (Hallin, 1986). Esse prisma permite considerar como o engajamento violento em todas as suas formas incorpora uma ampla dimensão comunicacional, tornando a propaganda e o jornalismo armas de uma forma de guerra que às vezes tem sido descrita como psicológica (Mattelart, 2015, Villatoux, 2005). A violência contra jornalistas, seja física, psicológica ou jurídica, faz parte das estratégias de silêncio ou, ao contrário, de exposição midiática, como evidenciam os assassinatos direcionados na Síria, Paquistão e México.



## REFERÊNCIAS

---

- Augé, R. (2016). Daech et les médias : coulisses d'un mariage forcé. *Hérodote*, 160-161, 209-222.
- Bernier, M. F. (2014). Éthique et déontologie du journalisme. Presses de l'Université Laval.
- Bertrand, C. J. (1999). *L'arsenal de la démocratie: médias, déontologie et M\*A\*R\*S*. Economica.
- Bizimana, A. J. (2014). *Le dispositif embedding: surveillance et intégration des journalistes en Irak*. PUQ.
- Bolz, L., Charbonneaux, J., Féraud, N., & Utard, J.-M. (2022). Les PropagandaKompanien : des reporters soldats. *Sur le journalisme-About journalism-Sobre jornalismo*, vol. 10-1, (à paraître en juin).
- Brogniez, L. (2011). Une odyssée en 1860. Dumas «embarqué» : du voyage au reportage. *Gigante C. & Van den Berghé D. (dir.), Il romanzo del Risorgimento*. Bruxelles: P.I.E. Peter Lang.
- Brunet, F. (2004). Susan Sontag, *Devant la douleur des autres*, trad. de l'anglais par F. Durant-Bogaert, Paris, Christian Bourgois, 2003, 139 p., 12 E. Études photographiques, (15), 149-150.
- Ferron, B. (2012). *Les répertoires médiatiques des mobilisations altermondialistes (Mexique-Chiapas, Israël/Palestine, 1994-2006)*, Contribution à une analyse de la société transnationale, thèse de doctorat en science politique, Université de Rennes 1, 808 p.
- Frère, M. S., Coquio, C., Robinet, F., Brinker, V., Dauge-Roth, A., Hoppenot, E., & Réra, N. (2017). Mutations de l'espace journalistique rwandais: les multiples facettes d'un système médiatique post-génocide». *Rwanda, 1994-2014. Histoire, mémoires et récits*, 1, 203-222.
- Hallin, D. C. (1986). *The uncensored war—The media and Vietnam*. New York.
- Kellow, C. L., & Steeves, H. L. (1998). The role of radio in the Rwandan genocide. *Journal of communication*, 48(3), 107-128.
- Liberté, A. (2013). *Le journalisme entre guerre et paix au Rwanda*. Presses de l'Université Laval.
- Landesman, T., & Davis, S. (2018). Cracks and reformations in the Brazilian mediascape: Mídia NINJA, radical citizen journalism, and resistance in Rio de Janeiro. *Protests in the Information Age*, 56-72.
- Le Cam, F., Pereira, F. & Ruellan, D. (éd.) (2021). « Violences publiques envers les journalistes et les médias », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne, online], Vol 10, n°1 - 2021, 15 juin - 15 de junho.
- Lynch, J. (2015). Peace journalism: Theoretical and methodological developments. *Global Media and Communication*, 11(3), 193-199.
- Marqués Posty, P., & Vincent, B. (2008). *Espagne 1936: correspondants de guerre. L'ultime dépêche*. Paris, L'Harmattan.
- Martinez, M., & Persichetti, S. (2016). *Mídia Ninja: a narrativa fotojornalística brasileira na era digital*. *Líbero*, (35), 55-64.
- Mattelart, A. (2015). *Communication, idéologies et hégémonies culturelles. Une anthologie en trois volumes (1970-1986)*. Paris: Presses des Mines.
- Maurin, J.-L. (2009). *Combattre et informer L'armée française pendant la première guerre mondiale*. Ploemeur: Editions Codex.
- Nachtwey, J. (2018). *Memoria*. Contrasto.
- Rodier-Cormier, B. (2002). *Aux origines de la communication de défense?: Indochine 1945-1954*. Ed. des Riaux.
- Rovida, M. (2021). Em Quarentena—um podcast da Agência Mural de Jornalismo das Periferias. *RuMoRes*, 15(30), 11-34.
- Thi Ngoc Nhung, T. (2019). *Les journalistes nord-vietnamiens lors de la guerre du Vietnam 1955-1975*. Thèse de doctorat en sciences de l'information et la communication, Université de Rennes.
- Villatoux, P., & Villatoux, M. C. (2005). *La République et son armée face au péril subversif: guerre et action psychologiques en France, 1945-1960*. Les Indes savantes.

## Eixo 3 - “Os combates dos pesquisadores em jornalismo: reflexividade em torno de nossos padrões e práticas”

Como parte desta jornada metodológica, desejamos abordar o tema do combate pelo prisma do compromisso dos pesquisadores, seja por suas abordagens ou pela escolha de seus objetos de pesquisa, pela adoção de uma postura militante ou pela gestão de questões políticas/politizadas em torno de seu assunto. Queremos abordar a questão do tratamento da militância na mídia e ativismo midiático, mas também das diferentes formas de engajamento que podem ser estudadas (política, cidadã, feminista etc.) e nas quais se pode, ou não, enquadrar os próprios pesquisadores.

Para além das questões gerais sobre o lugar das Ciências Sociais na sociedade ou o papel político e a responsabilidade social dos acadêmicos, queremos questionar as especificidades dos investigadores em jornalismo. Assim, desejamos encorajar os colaboradores a propor uma reflexão sobre sua(s) posição(ões) como pesquisadores (acadêmico, especialista, observador neutro ou envolvido, pesquisador comprometido) e explorar as formas e modalidades de autorreflexividade no(s) seu(s) engajamento(s) na pesquisa e frente a seu objeto de pesquisa.

O engajamento dos investigadores pode ser visto tanto como um trunfo (possibilita tocar o mais próximo possível do mundo social) como uma desvantagem para a investigação (é preciso ser capaz de se distanciar da sua experiência da realidade). Da mesma forma, as ferramentas das ciências sociais são recursos e telas para a construção e compreensão do objeto de estudo. As ferramentas de auto-sócio-análise e de objetivação permitirão, assim, realizar uma análise do mundo por meio da auto-análise, ou seja, uma restituição da própria carreira no mundo social estudado. A dimensão objetivante do conceito interacionista de carreira permitirá, por exemplo, implementar o “truque” da objetivação como prática de desvelamento (Becker, 2002), e focalizar

as sucessivas posições ocupadas dentro de um mundo de forma perspectiva dinâmica e processual.

Diversas teorias e trabalhos podem ser mobilizados de maneira crítica, por exemplo, para questionar as posturas de jovens pesquisadores: a epistemologia do ponto de vista ou o saber situado de Harding (1992) e Haraway (2007); epistemologias feministas e a questão da subjetividade da pesquisa, com destaque para o trabalho de Flores Espinola (2012) ou Steiner (2021); a abordagem construtivista, com as obras clássicas de Bourdieu (1987), mas também Neveu (2003), Delforce (2004) e Frère e Jacquemain (2008); ou mesmo engajamento nas ciências sociais e mais particularmente no jornalismo, com o trabalho de Stengers e Schlannger (1989), bem como as ligações entre jornalismo e ciências sociais (Bastin, 2016).

Para analisar as especificidades dos pesquisadores de jornalismo, alguns caminhos podem ser explorados: a competição entre os discursos dos pesquisadores e dos profissionais do jornalismo, particularmente em questões de reflexividade; os padrões de pesquisadores com experiência profissional anterior (em jornalismo ou não); a questão do ativismo e do compromisso dos pesquisadores de jornalismo no espaço público e midiático e, mais amplamente, o lugar da profissão de pesquisador de jornalismo na sociedade; as condições de trabalho dos jovens investigadores em jornalismo e o seu lugar na investigação científica.

Propomos, assim, pensar o engajamento dos pesquisadores como um processo dinâmico e em constante evolução, convidando os participantes a questionar suas posturas durante as diferentes etapas em torno das quais a pesquisa se articula:

- a construção do objeto de estudo;
- a escolha, o acesso e a relação ao campo;

- a abordagem metodológica;
- o pós: o trabalho de mediação e cobertura midiática da produção científica.

Também podem ser destacadas as potenciais evoluções dessas posturas ao longo de sua trajetória, bem como o entrelaçamento ou diferenciação das carreiras de ativistas e pesquisadores.

Desta forma, esta jornada de estudos será uma oportunidade para se interessar pelos combates ditos “da moda”, nas diferentes modalidades (das inovações do jornalismo e os ambientes digitais “levados a sério” aos discursos dos oprimidos, estudos da participação e audiências, atores marginais e abordagens feministas ou interseccionais, entre outras), bem como os modos de combate adotados pelos pesquisadores. De fato, observamos a legitimação de certos campos, objetos e métodos de pesquisa que delimitam os contornos do que pode ou deve ser considerado jornalismo, por meio de movimentos de retração ou alargamento das fronteiras do jornalismo, em particular frente a práticas comunicacionais ou militantes.

Conforme indicado na introdução de um número especial da revista *Sur le journalisme*, os padrões dos pesquisadores questionam “suas fronteiras, tendo como ponto de partida pressuposições e pré-concepções que delimitam de maneira expressiva o território de investigação.o” (Le Cam e Pereira, 2016, p. 7). Mas também podemos postular que, ao contrário, ao buscar novos objetos, ao observá-los de forma diferente e ao trazer novos problemas aos assuntos já tratados, os jovens pesquisadores procedem a uma abertura da pesquisa em jornalismo por vezes legitimando assuntos antes ilegítimos.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- Bastin, G. (2016). “Le journalisme et les sciences sociales. Trouble ou problème ?”, *Sur le journalisme, About Journalism, Sobre jornalismo* [En ligne], Vol 5, n°2 - 2016, mis en ligne le 26 décembre 2016.
- Becker, H. S. (2002). *Les ficelles du métier. Comment conduire sa recherche en sciences sociales*, Paris: Editions La Découverte & Syros.
- Delforce, B. (2004). “Le constructivisme: une approche pertinente du journalisme”, *Questions de communication*, (6), 111-134.
- Flores Espínola, A. (2012). “Subjectivité et connaissance : réflexions sur les épistémologies du ‘point de vue’”, *Cahiers du Genre*, 53, 99-120.
- Frère, B., & Jacquemain, M. (2008). “Fonder ou représenter: de l’apriorisme et du constructivisme en sciences sociales”, *Épistémologie de la sociologie*, 11-28.
- Garfinkel, H. (2001). “Le programme de l’ethnométhodologie”, in *L’ethnométhodologie: Une sociologie radicale*, La Découverte, Paris, pp. 31–56.
- Haraway, D. (2007). “Savoirs situés: la question de la science dans le féminisme et le privilège de la perspective partielle”, *Manifeste cyborg et autres essais*, Exils Editeurs, Paris, 107-143.
- Harding, S. (1992). “Rethinking Standpoint Epistemology: What is ‘Strong Objectivity’?” *The Centennial Review*, 36(3), 437–470.
- Le Cam, F., & Pereira, F. (2016). “Questionar as normas dos pesquisadores em jornalismo. Introdução”, *Sur Le Journalism, About Journalism, Sobre Jornalismo*, 5(2), 16–20. Consulté à l’adresse <https://revue.surlejournalisme.com/slj/article/view/262>
- Neveu, É. (2003). “Recherche et engagement: actualité d’une discussion”, *Questions de communication*, (3), 109-120.
- Steiner, L. (2021). “A Feminist Ethics for Journalism”, in Ward S.J. (eds) *Handbook of Global Media Ethics*, Springer.
- Stengers, I., & Schlanger J.E. (1989). “Introduction”, in *Les concepts scientifiques. Invention et pouvoir*, Paris : Gallimard, 9-28.

## Comitê Científico

---

Marie-Christine Lipani  
(MICA, Université Bordeaux Montaigne) - França

Etienne Damome  
(MICA, Université Bordeaux Montaigne) - França

Sandrine Lévêque (Ceraps, Sciences Po Lille) - França

Lisa Bolz (GRIPIC, Sorbonne Université) - França

Roselyne Ringoot (GRESEC, Université Grenoble Alpes) - França

Pauline Amiel  
(IMSIC, Université Aix-Marseille) - França

Jérémy Nicey (PRIM, Université de Tours) - França

Camila Cabral Arêas (Université de La Réunion) - França

Samária Andradre  
(Universidade do Estado do Piauí) - Brasil

Samuel Lima  
(Universidade Federal de Santa Catarina) - Brasil

Cláudia Nonato (Universidade de São Paulo) - Brasil

Mara Roviada (Universidade de Sorocaba) - Brasil

Isabelle Meuret  
(ReSIC, Université libre de Bruxelles) - Bélgica

Paul Aron (Philixte, Université libre de Bruxelles)- Bélgica

Benoît Grévisse (ORM, UCLouvain) - Suíça

Annik Dubied  
(Académie du Journalisme et des médias, Université de Neuchâtel) - Suíça

Aimé-Jules Bizimana  
(Université du Québec en Outaouais) - Canadá

Colette Brin (Université Laval) - Canadá

François Demers (Université Laval) - Canadá

Juliette De Maeyer (Université de Montréal) - Canadá

Lassané Yaméogo  
(CNRST, Université de Ouagadougou) - Burkina Faso

Pierre N'sana Bitentu  
(IFASIC, Kinshasa) - República Democrática do Congo

## Comité organizador

---

Florence Le Cam (ReSIC-Arènes, Université libre de Bruxelles et Université de Rennes 1) - Bélgica

Manon Libert  
(ReSIC, CeRIS, Université de Mons) - Bélgica

Monica Martinez  
(JORLIT / SBPJor e Universidade de Sorocaba) – Brasil

Fabio Pereira (SBPJor e Université Laval) – Canadá

Denis Ruellan (GRIPIC, Sorbonne Université) - França

Laura Storch  
(SBPJor e Universidade Federal de Santa Maria) – Brasil

Florian Tixier (MICA, Université Bordeaux Montaigne & ReSIC, Université libre de Bruxelles) - França

Angelina Toursel (LaRSH, Université Polytechnique Hauts-de-France) - França

Philippe Useille (LaRSH, Université Polytechnique Hauts-de-France) - França